

OS ÚLTIMOS DIAS DE SWAMI TURIYANANDA¹

Swami Ritajananda²

A rotina de Swami Turiyananda em Benares estava agora principalmente confinada dentro do prédio. Ele já não saía para caminhadas, devido à fraqueza em suas pernas. Um dia, ele fez um passeio num *ekkah*, um tipo de carruagem puxada por cavalos conhecida por causar solavancos excessivos. Ao retornar, comentou: “Swami Brahmananda costumava dizer que, se você andar num *ekkah*, ficará com fome devido ao balanço da carruagem. Não é mau sair em um de vez em quando!”

No entanto, no dia seguinte, Swami Turiyananda sentiu uma dor em um dedo da mão esquerda. Talvez os solavancos o tivessem machucado. A dor tornou-se intensa. Devido à condição diabética do Swami, apareceu um inchaço que aumentava dia após dia. Tornou-se necessária uma cirurgia, e um médico teve que raspar o dedo repetidamente. Isso causava dor extrema, mas o Swami suportava com serenidade. O médico disse: “Este tipo de operação dói, mas não tenho outra alternativa.”

Swami Turiyananda observava o processo cirúrgico sem qualquer sinal de sofrimento. Estava completamente desapegado. Um dia, alguém lhe perguntou: “Senhor, o senhor não sentiu dor quando o médico operou seu dedo?” O Swami respondeu:

“Veja! A mente é como uma criança. Devemos segurá-la firme, mas, como um jovem, ela continuará chorando: ‘Me solta! Me solta!’ Uma vez, deixei minha mente se soltar. Imediatamente senti uma dor intensa. A cirurgia ainda não havia terminado. Então, tive que segurar a mente novamente. Turiyananda ficou em silêncio por algum tempo. Depois continuou: “Você sabe como é? No *Bhagavad-Gita*, lemos: ‘Estabelecido [na bem-aventurança de seu ser mais íntimo], ele não é abalado nem mesmo pelo mais pesado sofrimento.’ Este verso é explicado por Shankara da seguinte forma: ‘Um homem de realização não é abalado nem mesmo pela dor causada pelo uso de uma arma afiada.’ Duas ideias são destacadas aqui. Primeiro, Shankara mostra que um *yogi* perfeito tem um controle extraordinário sobre sua mente. Em segundo lugar, ele

¹ Artigo traduzido dos “*Journals of The Vedanta Society of Southern California*”.

² Swami Ritajananda (1906-1994) um discípulo de Swami Shivananda, foi um venerado monge da Ordem Ramakrishna e presidente do Centro Ramakrishna Vedanta na França de 1961 até seu falecimento. Autor de diversos artigos e livros, entre eles, “*A Prática da Meditação*” traduzido para o português, “*Swami Turiyananda – Life and Teachings*”. Principiando em 1983, o Swami fez várias visitas ao Brasil e deixou aqui muitos discípulos, devotos e admiradores.

mostra que tal homem permanece em um estado muito além do controle da natureza.”

Swami Turiyananda costumava dizer que, se uma pessoa desfrutou da bendita companhia de uma encarnação divina mesmo por um único dia, sua felicidade é tão grande que ele aceitaria de bom grado uma vida inteira de sofrimentos, se esse fosse o seu destino. Aquele único dia de felicidade contrabalançaria as tristezas de uma vida inteira.

No entanto, os atendentes do Swami sabiam que ele estava sofrendo; e estavam preocupados, pois não sabiam como aliviá-lo. Com a permissão do Swami, escreveram para dois médicos em Calcutá, Durgapada Babu e Suresh Bhattacharya. Quando esses dois médicos souberam do estado de saúde de Turiyananda, partiram imediatamente para *Benares*. Sua aparição no *Sevashrama* certa manhã surpreendeu o Swami. Com grande alegria, ele exclamou: “Vejam como eles são bondosos! Assim que souberam da notícia, deixaram sua prática regular para vir aqui. Tudo isso é a graça do Mestre. É a sua misericórdia.”

Quando o Dr. Suresh, um cirurgião famoso, examinou o dedo do Swami, disse: “Ninguém mais teria suportado uma dor assim por tanto tempo.”

Os médicos visitantes tentaram alguns novos tratamentos. Depois de tratar o ferimento, Dr. Suresh sentou-se aos pés de Turiyananda e disse: “Senhor, tenho lido o Evangelho de Sri Ramakrishna; quanto mais leio, mais novo ele me parece. Entendo muito melhor agora; e me ocorre que provavelmente não li o livro com atenção suficiente da última vez. É realmente estranho!”

Turiyananda respondeu: “Sim... Tudo o que o Mestre praticou e tudo o que ele sabia, tudo o que ele entendeu e tudo o que ele realizou, tudo isso ele expressou em linguagem simples. Por isso, suas palavras são tão claras e tocantes. Mas são muito profundas. Ainda hoje, cada vez que lemos o Evangelho, sentimos que o compreendemos melhor.”

Dr. Suresh disse: “Mas nós somos chefes de família; temos deveres mundanos. Não há esperança para nós?” Swami Turiyananda respondeu: “Tudo o que o Mestre disse é entendido de acordo com o despertar espiritual de cada um. Se alguém pratica disciplinas espirituais e desenvolve amor por Deus, só então pode entender o Evangelho plenamente. Se você puder alcançar o amor pelo Senhor, isso é tudo o que é necessário.”

“Há alguma esperança para mim?” — perguntou Dr. Suresh.

“Claro que há — para todos. Você pratica como médico com tanta energia e entusiasmo e alcançou uma posição de liderança em sua área. Como você consegue controlar sua mente e se concentrar, o sucesso vem até você. Da mesma forma, se alguém puder invocar Deus com toda a sua mente e todo o seu coração, certamente O realizará. Assim como você dedica toda a sua atenção ao seu trabalho como médico,

dedique-a a Deus. Você verá os resultados: terá a visão d'Ele imediatamente. O Mestre costumava dizer: 'Deve-se virar a esquina.' Isso significa que se deve direcionar a mesma energia para um caminho diferente. Tire sua mente da sua profissão médica e invoque o Senhor. Isso é desapego extremo. Sri Ramakrishna não aprovava o interesse morno. Você deve colocar coração e alma em sua oração; caso contrário, você não terá sucesso na vida espiritual. 'Devo realizar Deus nesta mesma vida!' — essa deve ser sua atitude. Se você quer o Senhor, não demore. Você deve ter entusiasmo, então obterá resultados rapidamente. Swamiji dizia que é preciso agir sem hesitação. Quem sabe contabilizar sal também sabe contabilizar açúcar. Em seu trabalho mundano, você tem sucesso. Se puder direcionar sua corrente mental para outro plano, alcançará o mesmo êxito lá. Certamente você atingirá seu objetivo."

"O Senhor habita em todos nós. Ele conhece nossos desejos mais íntimos. Aquele que pratica disciplinas espirituais com todo o coração certamente alcançará a realização."

O Dr. Suresh ficou muito encorajado pelas palavras do Swami. Ele disse a Turiyananda: "Sinto tanta esperança e alegria com o que o senhor diz que não tenho vontade de partir."

A medicação aplicada pelo Dr. Suresh fez muito bem ao Swami, e os dois médicos retornaram a Calcutá. No entanto, Turiyananda sofria de outros problemas de saúde, e algum tipo de tratamento parecia estar em curso continuamente.

Apesar da saúde debilitada, Turiyananda não perdeu o interesse pelo mundo exterior. Ele admirava o trabalho do movimento de Independência e estava plenamente ciente de que jovens em toda a Índia estavam agitados e ansiosos para lutar por sua liberdade. O Swami frequentemente expressava simpatia ao saber de jovens sacrificando suas vidas pela causa nacional. Certa vez, quando um dos membros do *ashrama* saiu sem avisar ninguém para se juntar a uma nova escola nacional (o *Kashi Vidyapith*), todos ficaram perturbados, achando que ele havia abandonado o ideal espiritual. Mas o Swami disse: "Não se preocupem; ele já foi capturado pela atmosfera sagrada deste lugar. Ele não ficará lá por muito tempo." De fato, após uma semana, o jovem retornou.

A saúde de Swami Turiyananda piorou cada vez mais, até que ele ficou completamente acamado. Sua fraqueza era tanta que ele não conseguia nem mesmo se virar sozinho. Swami Gnaneswarananda, responsável pelo Centro de *Patna*, soube de sua condição e foi visitá-lo. Turiyananda perguntou sobre o bem-estar do visitante e sobre o trabalho em *Patna*. Gnaneswarananda deu uma descrição vívida das atividades lá, e Turiyananda ficou imensamente satisfeito. Então, ele perguntou ao jovem monge: "O que você acha? Este corpo vai se desfazer agora?"

"Como assim, senhor?!" — respondeu Gnaneswarananda. O senhor já se recuperou de doenças piores que esta.

“Isso é verdade — disse Turiyananda, após uma pausa. O trabalho de Swamiji está apenas começando. Como o corpo pode partir sem ver mais dele?” Mas então continuou em um tom diferente: “Ou suponha que o corpo seja abandonado, o que importa? O Mestre nos mostrou que isso não é nada.”

Swami Turiyananda perguntou novamente sobre *Patna* e mais uma vez pareceu satisfeito com o progresso do trabalho lá. Ele ficou animado, e seu rosto corou. “Não tenham dúvidas” — disse ele. “Saibam que o que vocês estão fazendo é a obra do Senhor; deem todo o coração e alma a ela. Swamiji me disse em *Darjeeling*: ‘Haribhai, eu abri um novo caminho e o disponibilizei a todos. Até agora, pensava-se que a liberação só poderia ser alcançada por meditação, repetição dos nomes de Deus, discussão das escrituras etc. Agora, jovens homens e mulheres alcançarão a liberação fazendo a obra do Senhor.’ O que Swamiji disse é verdade. Nunca duvidem disso!”

Nesse momento, o atendente Sanai (Prabodhananda) pediu a Gnaneswarananda que saísse do quarto, pois Turiyananda havia ficado excessivamente agitado. Assim terminou a última visita de Gnaneswarananda a Swami Turiyananda.

Durante o verão de 1921, os sofrimentos de Turiyananda continuaram a aumentar. Dessa vez, era um problema de pele nas costas. Sempre havia algo.

Swami Saradananda foi a *Benares* com o Dr. Kanjilal para ver seu irmão monge. Com um novo tratamento, a saúde de Turiyananda melhorou um pouco, e Saradananda retornou a Calcutá. Esse foi o último encontro entre os dois irmãos-discípulos.

No mesmo ano, os melhores cirurgiões de *Benares* operaram Swami Turiyananda, removendo um grande carbúnculo e grande parte do tecido ao redor. O Swami se recusou a tomar anestesia. Em vez disso, desapegou sua mente do corpo. Todos ficaram surpresos com sua calma durante a dolorosa operação. A ferida foi enfaixada, e os médicos foram embora. No dia seguinte, um dos médicos voltou para inspecionar a incisão. Ele percebeu que um pouco mais de tecido infectado precisava ser removido. Pegando uma tesoura afiada, ele segurou a carne para cortá-la. Imediatamente, Swami Turiyananda gritou de dor e estremeceu. A tesoura caiu da mão do médico, que, sem coragem de continuar, apenas enfaixou a ferida e saiu. Mais tarde, perguntaram ao Swami por que ele havia reagido com tanto sofrimento no segundo dia, quando no primeiro havia suportado um procedimento muito mais doloroso sem nenhuma reação. Ele explicou: “No primeiro dia, eu sabia que o médico iria operar, então afastei minha mente do corpo. No dia seguinte, porém, o médico não me avisou; eu não tive chance de me desapegar.” Ele destacou que a identificação com o corpo é o que causa sofrimento.

Em abril de 1922, Swami Brahmananda faleceu em Calcutá. Algum tempo antes, a Santa Mãe havia deixado o mundo, e o próprio Swami Turiyananda

testemunhara a partida de Adbhutananda. Um a um, os filhos do Mestre partiam, Esses eventos tristes fizeram Swami Turiyananda retirar sua mente completamente do mundo. Um dia ele disse: “Vocês verão que eu também logo deixarei este mundo – em três meses. Para que prolongar? Quanto mais eu viver, mais me torno um fardo para os outros. Irei para onde Swamiji e Maharaj foram. Irei para Sri Ramakrishna.”

Ele falou a verdade. Partiu exatamente três meses depois.

Em meados de 1922, Swami Turiyananda sofreu com outro carbúnculo. Não era muito grande, e médicos competentes o atendiam. Acreditava-se que ele se recuperaria, pois já havia superado condições piores. Os médicos tomaram todos os cuidados, mas o carbúnculo aumentou, e uma cirurgia se tornou necessária. Dr. Kanjilal veio de Calcutá para operá-lo.

Novamente, o Swami recusou anestesia. O médico brincou: “Senhor, o senhor deveria gritar como as pessoas comuns durante a operação”. Swami Turiyananda, embora não sentisse dor por ter desapegado a mente do corpo, começou a gritar como se estivesse sofrendo – fazendo todos rirem. Essa foi sua última cirurgia. Suas costas ficaram completamente infectadas, e gangrena se instalou. Os médicos perderam as esperanças.

A notícia de que Swami Turiyananda estava à beira da morte se espalhou. Muitos swamis de centros distantes vieram visitá-lo. A senhorita Josephine MacLeod, que estava em *Puri*, também correu para *Benares*.

“Swamiji!” – ela exclamou ao vê-lo. “O senhor ficará bem logo. O senhor ainda tem que continuar o trabalho de Vivekananda!”

Turiyananda, que desde a última cirurgia só conseguia deitar de lado devido à dor, ao ouvir o nome de Vivekananda esqueceu seu sofrimento e respondeu com fervor: “Sim, sim! Claro!”

A senhorita MacLeod ficou apenas alguns minutos. Antes de ir, disse: “O senhor amava muito Swamiji. Estou lhe dando uma gravura dele.” Ela tirou de sua bolsa uma imagem em cristal de Swami Vivekananda, obra do famoso gravador francês Lalique. Turiyananda ficou extremamente feliz com este belo presente.

Entre os *sadhus* que vieram ficar com Turiyananda em seus últimos dias estava Swami Akhandananda, seu amigo de infância e irmão-discípulo. Ele passava a maior parte do tempo ao lado de Turiyananda, ouvindo-o repetir em voz alta o nome do Senhor durante as dores mais intensas – sem nenhuma palavra de reclamação sair de seus lábios.

Depois de alguns dias, Akhandananda recebeu uma carta de seu centro pedindo seu retorno urgente. Os monges do *Benares Sevashrama* pediram que ele ficasse, pois sua presença era um grande conforto para Turiyananda. Hesitante, Akhandananda entrou no quarto do Swami enfermo, que imediatamente disse:

“Entre, irmão! Sente-se. Fico confuso quando você não está aqui. Não vá embora agora!” Isso resolveu a questão. Akhandananda cedeu ao desejo de seu irmão-discípulo e decidiu ficar.

Os jovens monges do centro de *Benares* queriam ser tratados com um banquete por Swami Akhandananda; ser alimentados por ele, eles sentiam, seria uma bênção especial. Assim, eles se aproximaram do Swami com seu pedido. Akhandananda tinha muito pouco dinheiro consigo; mas ao mesmo tempo não queria decepcionar os jovens. Com isso em mente, ele entrou no quarto de Swami Turiyananda e mencionou seu problema. O Swami o aconselhou a não se preocupar e imediatamente pediu ao atendente que fornecesse a quantia necessária das contribuições dos devotos. Um grande banquete foi organizado para todos os monges do *Advaita Ashrama* e do *Sevashrama*. “Vocês deveriam ter um pouco de diversão e alegria pelo menos por mais uma semana”, disse Turiyananda.

O fim do Swami estava próximo; ainda assim, ele mostrava grande fortaleza. Um dia, talvez recordando a vida de peregrinação que amava, Turiyananda disse ao seu atendente: “Pegue meu jarro de água e roupa; deixe-me sair e sentar sob uma árvore. Onde estou?” Ele estava ansioso para se levantar e caminhar, o que era, claro, impossível. O atendente o acalmou, dizendo que ele faria isso muito em breve.

Turiyananda frequentemente tentava sentar-se em postura de meditação. Alguns dos atendentes tentavam ajudá-lo segurando-o. Mas ele objetava: “Deixe-me sentar sozinho. Não me segure.”

Na noite antes de sua morte, o Swami disse repetidamente aos seus atendentes: “Amanhã é o último dia.” Mas ninguém tinha ideia do que ele queria dizer com essas palavras: pois sua condição havia mostrado alguma melhora no dia ou dois anteriores, e portanto não ocorreu a ninguém que sua morte era iminente. Além disso, sua fala estava clara e ele não mostrava sinal de sofrimento.

21 de julho de 1922 foi o último dia de Swami Turiyananda na terra.

No início da manhã, Swami Akhandananda veio vê-lo. Após as saudações habituais, Turiyananda disse: “Nós pertencemos à Mãe, e ela é nossa. Nós pertencemos à Mãe. Ela é nossa.” Então ele citou os famosos versos do *Chandi*:

“Ó Devi auspiciosa, tu que és a realizadora de todo o bem,
Gauri de três olhos,
Que preenches todos os desejos
E és a doadora de refúgio -
Saudações a ti, ó *Narayani*.

Tu que deténs o poder da criação, preservação e destruição,
Que és eterna,

Tu, o fundamento e a personificação
dos três *gunas* -
Saudações a ti, ó *Narayani*.

Tu que salvas os que em ti buscam refúgio,
os desanimados e aflitos,
Ó Devi, que removes o sofrimento de todos -
Saudações a ti, ó *Narayani*."

Então Swami Turiyananda saudou a Divina Mãe, como era seu costume ao meio-dia e à noite.

Depois de algum tempo ele disse: "Estou com uma dor muito forte. Que a vontade do Senhor seja feita. Sua vontade está sendo cumprida. As pessoas não entendem."

O Swami mandou seus atendentes saírem do quarto, dizendo: "Deixem-me. Então eu posso ser livre." Eles disseram que ele já era livre, e ele disse: "Se for assim, eu partirei. Se for assim, estou partindo." Ele parecia estar se libertando de todos os apegos.

Naquele dia, Swami Turiyananda não comeu. Mais tarde, Swami Akhandananda foi vê-lo novamente. Turiyananda olhou para seu irmão monge e disse: "Remova meu curativo. O que é tudo isso?" O grande curativo em suas costas foi cortado. Swami Turiyananda sentiu um grande alívio e até tomou algum remédio a pedido de Akhandananda. Mais tarde, um novo curativo foi aplicado.

À noite, Swami Turiyananda começou a falar em inglês, chamando seus discípulos americanos e particularmente Gurudas, que era extremamente apegado a ele. Swami Akhandananda pediu que Turiyananda dormisse. "Sim, eu quero", respondeu o Swami em inglês.

Pouco depois, Turiyananda perguntou a um atendente: "Você pode me ajudar a sentar?"

"Senhor, vai doer", disse o jovem humildemente.

O Swami ficou irritado. "Isso é um erro da sua parte", repreendeu-o. Então chamou seu atendente regular, Sanat. "Sanat, ajude-me a sentar."

Swami Turiyananda foi levantado e colocado em posição sentada. Mas ele não conseguia manter a cabeça erguida. "Você não pode me dar força?", exclamou. "Você não pode me dar força? Por favor, segure-me firme. Segure-me firme!"

Ele tentou se manter ereto, mas não conseguiu. Repetiu o nome da Divina Mãe duas vezes. Ele começou a respirar com dificuldade, e seu olhar fixou-se em um ponto entre as sobancelhas. Vendo isso, o atendente o fez deitar, contra seus protestos.

Alguns minutos depois, o Swami murmurou, como quem acorda do sono: "Prabhu... Prabhu [Senhor... Senhor]."

"Irmão!", chamou Swami Akhandananda.

"Eu não consigo reconhecer ninguém", respondeu Turiyananda. Então ele entoou: "Om Ramakrishna, Om Ramakrishna. Por favor, me coloquem sentado."

Swami Turiyananda ainda estava plenamente consciente. Como um *yogi*, ele queria deixar o corpo enquanto estava sentado em meditação. Novamente ele exclamou: "Por que vocês não me colocaram sentado? Façam isso!"

"Como vocês são tolos", ele finalmente disse. "Vocês não entendem. A energia vital está deixando o corpo. Estiquem minhas pernas. Puxem-nas juntas e mantenham-nas retas." Quando isso foi feito, o Swami disse: "Levantem meus braços - mais alto, mais alto!" Então ele dobrou os braços.

"Jaya Gurudeva! Jaya Gurudeva! Glória a Ramakrishna! Glória a Ramakrishna!" Com essas palavras ele saudou o Mestre, e então tomou um pouco de água sagrada. "Tudo é real", ele continuou. "Brahman é real. O mundo é real. O mundo é Brahman. Tudo é real. A força vital está estabelecida na Verdade. Levantem minhas mãos. Jaya Gurudeva! Jaya Gurudeva! Glória a Ramakrishna! Glória a Ramakrishna! Digam que ele é a personificação da Verdade, a personificação do Conhecimento!"

Swami Akhandananda recitou o texto dos Upanishads: "Brahman é Verdade, Conhecimento, Infinito." Isso deixou Turiyananda muito feliz. Com grande alegria ele gritou: "Sim, sim! Por favor, repitam essas palavras novamente." Akhandananda as repetiu duas vezes. Swami Turiyananda se juntou a ele na primeira vez, então ficou em silêncio. De repente, com a mente firme no pensamento de Brahman, ele deixou o corpo. Eram 18h45.

O Swami parecia apenas ter adormecido. Não havia o menor sinal de sofrimento em seu rosto. Um brilho extraordinário e doçura surgiram nele. Ninguém havia pensado que com tal aflição ele deixaria o mundo em plena consciência. Mas sua força de mente e poder de vontade estavam além da compreensão.

Durante os últimos dias de sua vida, os olhos de Swami Turiyananda estiveram fechados na maior parte do tempo. Mas no último momento ele os abriu completamente. Ele olhou ao redor, e aqueles que estavam presentes perceberam que ele não pertencia mais a este mundo; como uma alma livre ele estava entrando na vida eterna. Swami Turiyananda tinha cinquenta e nove anos no momento de sua partida.

Durante toda a noite os monges e devotos permaneceram ao seu lado, cantando o nome e as glórias do Senhor. No dia seguinte, o corpo foi decorado com flores e pasta de sândalo, carregado para o *Manikarnika Ghat* e colocado no Ganges.

Assim uma vida gloriosa e única chegou ao fim. Swami Turiyananda foi um farol enquanto viveu, e continua a sê-lo após a morte. Para todos que aspiram à

realização de Deus, para todos que sentem a necessidade de coragem e confiança para assumir a vida do espírito, ele mostra como caminhar no caminho. Tal combinação de renúncia, fé, amor e devoção raramente foi vista. Swami Turiyananda viveu para mostrar o que significa dedicar-se a práticas espirituais por toda uma vida.

